

ENTREVISTA DOMINIQUE MAINGUENEAU¹

A Revista GLÁUKS ONLINE (ISSN 2318-7131), publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em seu volume 22, n.1 – jan./jun. 2022, dedica o espaço ao dossiê “**Análise do Discurso e Literatura: impasses e vias de acesso**”. Nesta edição, abrimos o volume com uma entrevista com Dominique Maingueneau, professor de Linguística no Departamento de Língua Francesa de Sorbonne Université que se dedicou, dentre outros temas, ao estudo da **literatura** a partir da abordagem discursiva. Suas contribuições ao debate sobre a interface entre Discurso e Literatura estão difundidas em variados artigos e em obras como *O contexto da obra literária* (1995), *Pragmática para o discurso literário* (1996) e *Discurso literário* (2006).

1. GLÁUKS – Considerando seu percurso de pesquisas em Análise do Discurso, o senhor poderia listar alguns dos diferentes objetos de discurso que já ocuparam sua atenção, circunscrevendo seu interesse por eles e situando o discurso literário neste conjunto?

D. MAINGUENEAU – Diferentemente da maior parte dos analistas do discurso, eu não tenho, na verdade, um domínio no qual eu seja especialista; no entanto, eu estudei, principalmente, corpora que revelam o que chamei de “gêneros instituídos”, e não interações conversacionais. Essa ausência de especialização está certamente vinculada ao fato de que, paralelamente às minhas próprias pesquisas, eu me preocupei em refletir sobre a análise do discurso muito cedo. Meu primeiro livro, *Iniciação aos métodos de análise do discurso*, que foi escrito em 1974 e publicado em 1976, traçava um panorama do conjunto do campo, tal como ele se apresentava na época, e não uma exposição das minhas próprias pesquisas, que eu desenvolvia paralelamente. Eu comecei meu trabalho pelo discurso religioso, em seguida eu abordei muitos

¹ *Nota dos tradutores:* a presente entrevista foi realizada em janeiro de 2022 por escrito, via *e-mail*. Como o professor Dominique Maingueneau é fluente na língua portuguesa, ele gentilmente aceitou que enviássemos as perguntas em português, tendo preferido respondê-las em francês. Em seguida, realizamos a tradução, a qual passou pela leitura de Dominique Maingueneau antes de ser publicada. Disponibilizamos, nesta publicação, as respostas à entrevista em formato bilíngue.

tipos de discurso: escolar, político, midiático, pornográfico, filosófico, científico, digital... Essa diversidade me permitiu alimentar as minhas obras de síntese sobre a análise do discurso. Com efeito, é muito difícil refletir sobre a análise do discurso em geral se estuda-se apenas um tipo de discurso. Abordando objetos muito diversos, evita-se projetar sobre o conjunto do discurso o que é válido para apenas um uso limitado. Tenho a convicção de que o discurso como realidade homogênea não existe: ele é constituído pela interação de diversos regimes.

Meu interesse pelo discurso literário apareceu tardiamente. Em 1986, uma editora me convidou a escrever um manual de linguística para os estudantes de literatura. Eu tentei, então, aplicar aos textos literários noções que eu havia exposto no meu curso de linguística sobre a enunciação e, para minha grande surpresa, este pequeno manual, *Elementos de linguística para o texto literário*, obteve bastante sucesso. Nessa época, eu não considerava ainda que os estudos dos corpora literários poderiam ocupar a análise do discurso; eu pensava que os analistas do discurso poderiam estudar gêneros tais como os manuais de literatura ou as críticas literárias nos jornais, mas não as obras propriamente ditas. Em seguida, pouco a pouco eu me dei conta de que seria possível aplicar de maneira produtiva os conceitos da pragmática, depois aqueles da análise do discurso aos textos literários. Foi em 1993, com meu livro *O contexto da obra literária*, que eu considerei integrar plenamente a literatura no campo da análise do discurso; nessa mesma perspectiva, uma década mais tarde eu redigi *O discurso literário. Paratopia e cena de enunciação* (2004), livro no qual o discurso literário está integrado na categoria de “discursos constituintes”.

Mas eu sou obrigado a reconhecer que essa extensão do campo da análise do discurso não é aceita em todos os lugares. Muitos especialistas em literatura desconfiam das ciências humanas e sociais e consideram que a análise do discurso não passa de uma espécie de sociologia que se interessa pelo “contexto” das obras, não tendo nada a dizer sobre os textos. Por sua vez, a maior parte dos analistas do discurso pensa que sua disciplina não tem nada a ver com a literatura, sendo apenas um método qualitativo a serviço das ciências sociais.

D. MAINGUENEAU (En français) – A la différence de la plupart des analystes du discours, je n’ai pas véritablement de domaine dans lequel je suis spécialisé ; néanmoins, j’ai surtout étudié des corpus qui relèvent de ce que j’appelle des “genres institués”, et non des interactions conversationnelles. Cette absence de spécialisation est certainement liée au fait que,

parallèlement à mes propres recherches, je me suis préoccupé de réfléchir sur l'analyse du discours très tôt. Mon premier livre, *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, qui a été écrit en 1974 et publié en 1976, était un panorama de l'ensemble du champ, tel qu'il se présentait alors, et non un exposé de mes propres travaux, que je poursuivais parallèlement. J'ai commencé par travailler sur le discours religieux, puis j'ai abordé toutes sortes de discours : scolaire, politique, médiatique, pornographique, philosophique, scientifique, digital... C'est cette diversité qui m'a permis de nourrir mes ouvrages de synthèse sur l'analyse du discours. Il est en effet très difficile de réfléchir sur l'analyse du discours en général si on n'étudie qu'un seul type de discours. En se donnant des objets très divers, on évite de projeter sur l'ensemble du discours ce qui n'est valable que pour un usage limité. Ma conviction est que le discours comme réalité homogène n'existe pas : il est constitué de l'interaction de divers régimes.

Mon intérêt pour le discours littéraire est venu tardivement. C'est en 1986 qu'un éditeur m'a demandé d'écrire un manuel de linguistique pour les étudiants en littérature. J'ai alors essayé d'appliquer aux textes littéraires les notions que j'exposais dans mon cours de linguistique sur l'énonciation et, à ma grande surprise, ce petit manuel, *Éléments de linguistique pour le texte littéraire*, a rencontré beaucoup de succès. À cette époque, je ne considérais pas que l'étude des corpus littéraires pouvait relever de l'analyse du discours ; je pensais que les analystes du discours pouvaient étudier des genres tels que les manuels de littérature ou les critiques littéraires dans les journaux, mais pas les oeuvres proprement dites. Ensuite, peu à peu je me suis aperçu qu'on pouvait appliquer de manière fructueuse les concepts de la pragmatique, puis ceux de l'analyse du discours aux textes littéraires. C'est en 1993 avec mon livre *Le contexte de l'oeuvre littéraire* que j'ai envisagé d'intégrer pleinement la littérature dans le champ de l'analyse du discours ; dans la même perspective, une dizaine d'années plus tard j'ai rédigé *Le discours littéraire. Paratopie et scène d'énonciation* (2004), livre où le discours littéraire est intégré dans la catégorie des "discours constituants".

Mais je suis obligé de reconnaître que cette extension du champ de l'analyse du discours n'est pas acceptée partout. Beaucoup de spécialistes de littérature se méfient des sciences humaines et sociales et considèrent que l'analyse du discours n'est qu'une sorte de sociologie qui s'intéresse au "contexte" des oeuvres et n'a rien à dire sur les textes. De leur côté, la plupart des analystes du discours pensent que leur discipline n'a rien à faire avec la littérature, que c'est seulement une méthode qualitative au service des sciences sociales.

2. GLÁUKS – Como o senhor define a **literatura**, a partir da ênfase de sua natureza discursiva?

D. MAINGUENEAU – Quando se é analista do discurso, evita-se em geral se colocar tal questão; somos obrigados a reformulá-la. O que chamamos “a literatura” não existia antes do século XIX. Anteriormente, havia obras que hoje nós enquadramos no domínio da literatura, mas é um anacronismo inevitável: Machado de Assis pensava que escrevia literatura, mas esse certamente não é o caso de Camões, mesmo que atualmente suas poesias sejam para nós obras “literárias”. Parece-me que para um analista do discurso não pode haver a “natureza” da literatura, que seria a expressão de uma necessidade delimitada e específica dos seres humanos. Certamente, existe em todo lugar e em todas as épocas gêneros que mantêm uma relação constitutiva com a ficção e com a estética, mas a configuração na qual eles se inscrevem é bastante variável. Pode-se ainda notar que durante muito tempo os escritores produziram suas obras a partir do enquadramento de gêneros e não consideravam isso desvalorizante; é a partir do século XIX que a literatura de gênero sofre um descrédito.

Mas eu estou bem consciente de que a minha resposta é profundamente insatisfatória. É muito difícil, com efeito, afirmar que a um só tempo há em todas as épocas e em todas as sociedades atividades que podemos qualificar de “literárias” e que esta noção de “literatura” é histórica. É preciso tentar gerir melhor essa tensão. Em todo caso, pessoalmente, eu não tenho uma definição de literatura que seja independente do espaço e da história.

D. MAINGUENEAU (En français) – Quand on est analyste du discours, on évite en général de se poser une telle question... ; on est obligé de la reformuler. Ce qu'on appelle “la littérature” n’existait pas avant le XIX^e siècle. Auparavant il existait des oeuvres que nous rangeons aujourd’hui dans le domaine de la littérature, mais c’est un anachronisme inévitable : Machado de Assis pensait qu’il écrivait de la littérature, mais ce n’est certainement pas le cas de Camões, bien qu’aujourd’hui pour nous ses poésies soient des oeuvres “littéraires”. Il me semble que pour un analyste du discours il ne peut pas exister de “nature” de la littérature qui serait l’expression d’un besoin délimité et spécifique des êtres humains. Certes, il existe partout

et à toutes les époques des genres qui entretiennent une relation constitutive avec la fiction et l'esthétique, mais la configuration dans laquelle ils s'incrivent est très variable. On peut d'ailleurs noter que pendant très longtemps les écrivains produisaient leurs oeuvres dans le cadre de genres et ne trouvaient pas cela dévalorisant ; c'est depuis le XIX^e siècle que la littérature de genre souffre d'un discrédit.

Mais je suis bien conscient que ma réponse est profondément insatisfaisante. Il est très difficile, en effet, d'affirmer à la fois qu'il y a à toutes les époques et dans toutes les sociétés des activités que l'on peut qualifier de "littéraires" et que cette notion de "littéraire" est historique. Il faut essayer de gérer au mieux cette tension. En tout cas, personnellement je n'ai pas de définition de la littérature qui soit indépendante de l'espace et de l'histoire.

3. GLÁUKS – Ao tratar da aproximação entre a Análise do Discurso e a Literatura, é inevitável mencionar o terreno polêmico em que esta vizinhança se dá. Uma das particularidades anunciadas pela abordagem discursiva em relação às práticas tradicionais da crítica literária é o valor dado à *instituição literária* e sua relação com as *cenar de enunciação*, levando à compreensão do texto como encarregado da "própria gestão de seu contexto" (MAINGUENEAU, 2006, p. 44). Pois bem, sabendo que diversas vertentes da crítica literária tem nessa concepção um pressuposto fundamental, como o senhor caracterizaria a especificidade da Análise do Discurso Literário?

D. MAINGUENEAU – Eu estou surpreso com essa questão, pois, infelizmente, eu não vejo quem, à exceção da análise do discurso, considere como um pressuposto fundamental que as obras gerem seu próprio contexto. Mas vocês têm razão em sublinhar que muitos pesquisadores em literatura estão atribuindo um lugar cada vez mais importante à instituição literária. Parece-me, entretanto, que há dois tipos de pesquisa a diferenciar: por um lado, as correntes que podem ser chamadas de "sociocríticas", que insistem na dimensão institucional da literatura, e, por outro, a análise do discurso, que vai além, porque concebe a enunciação como gestão do seu próprio contexto. Nas abordagens tradicionais da literatura, tal problemática não possui razão de ser: há, de um lado, os textos e, de outro, um certo número de fatores sociais e psicológicos que permitem esclarecer a sua gênese. Em contrapartida, uma abordagem discursiva atribui um papel essencial às atividades por meio das quais os escritores legitimam a forma singular como assumem o seu estatuto. Isso que se chama "escritor" não está nem no interior nem no exterior das obras: ele deve definir constantemente o lugar que pretende ocupar na grande cena da literatura. Ao falarmos em "discurso literário", mais do que em "literatura", buscamos restituir

às obras os espaços que lhes tornam possíveis, onde elas são produzidas, avaliadas, geridas: o posicionamento no campo literário, os papéis ligados aos gêneros, a relação com o destinatário construída através da obra, os suportes materiais e os modos de circulação dos enunciados. É verdade que os escritores produzem obras, mas os escritores e as obras são eles mesmos produzidos por todo um complexo de práticas. Os escritores (*créateurs*) não produzem as obras somente mergulhando no fundo de suas consciências, mas devem se posicionar ao interagirem com as restrições que lhes impõem o campo literário da sua época. Para que haja enunciação literária, não basta relacionar a alma de um autor com aquela de um leitor ou de um espectador: a natureza mesma dessas “almas” varia de acordo com as instituições de fala historicamente definidas que lhes tornam possíveis. O discurso literário não é um *thesaurus* de algumas obras primas emergindo de um “contexto de criação” obscuro, mas uma rede de práticas estreitamente tecidas que se exercem em lugares bastante diversos. A literatura do século XVII envolvia o ensino de línguas antigas nos colégios, as atividades de salão e aquelas das academias; a literatura do século XIX é indissociável da existência de jornais de grandes tiragens, de revistas literárias, de manuais de literatura nacional.

Um analista do discurso ultrapassa, portanto, a dimensão institucional da literatura: ele pensa em termos de *instituição discursiva*, esforçando-se para articular as instituições no sentido tradicional com a cena de enunciação, vinculando os diferentes tipos de *instituições* que dão sentido às enunciações literárias (a estrutura do campo literário, o estatuto do escritor, os gêneros do texto...) e o movimento pelo qual o discurso é *instituído*, quer instaurando progressivamente no seu enunciado um determinado mundo, quer legitimando o dispositivo de enunciação e o posicionamento no campo literário que torna esse enunciado possível.

De acordo com o meu conhecimento, as abordagens que se pretendem sociocríticas, a despeito de seus esforços, recaem na maior parte do tempo em uma oposição entre “texto” e “contexto”, salvo evidentemente se elas adotam uma perspectiva discursiva; mas nesse caso elas se tornam indiscerníveis da análise do discurso, que se caracteriza precisamente pelo esforço de subverter essa oposição entre texto e contexto. É o próprio termo “sociocrítica” que é problemático, pois dá a impressão de que é necessário adicionar uma dimensão “social” ao estudo da literatura para reestabelecer um equilíbrio com as abordagens que estão focadas na pessoa do criador. Na realidade, a própria concepção de “social” que está subjacente deve ser contestada. Este é um debate que pode ser encontrado na história das ciências, onde alguns

pretendem adicionar “fatores sociais” à atividade científica, como se fosse possível distinguir, de uma parte, um núcleo duro de verdades científicas e, de outra, os fatores sociais que as tornam possível.

D. MAINGUENEAU (En français) – Je suis surpris par cette question car, malheureusement, je ne vois pas qui, à part l’analyse du discours, considère comme un présupposé fondamental que les œuvres gèrent leur propre contexte... Mais vous avez raison de souligner que de nombreux chercheurs en littérature accordent une place de plus en plus importante à l’institution littéraire. Il me semble néanmoins qu’il y a deux types de recherche à distinguer: d’une part les courants qu’on peut dire “sociocritiques”, qui insistent sur la dimension institutionnelle de la littérature, d’autre part l’analyse du discours, qui fait davantage, car elle met au centre l’énonciation comme gestion de son propre contexte. Dans les approches traditionnelles de la littérature, une telle problématique n’a pas lieu d’être: il y a d’une part les textes, d’autre part un certain nombre de facteurs sociaux et psychologiques qui permettent d’éclairer leur genèse. En revanche, une approche discursive accorde un rôle crucial aux activités par lesquelles les écrivains légitiment la manière singulière dont ils assument leur statut. Ce qu’on appelle un «écrivain» n’est ni à l’intérieur ni à l’extérieur des œuvres: il lui faut sans cesse définir la place qu’il entend occuper sur la grande scène de la littérature. En parlant de “discours littéraire”, plutôt que de “littérature” on cherche en à restituer les œuvres aux espaces qui les rendent possibles, où elles sont produites, évaluées, gérées: le positionnement dans le champ littéraire, les rôles attachés aux genres, la relation au destinataire construite à travers l’œuvre, les supports matériels et les modes de circulation des énoncés... Il est vrai que les écrivains produisent des œuvres, mais les écrivains et les œuvres sont eux-mêmes produits par tout un complexe de pratiques. Les créateurs ne produisent pas des œuvres seulement en plongeant dans le fond de leur conscience, mais qu’ils doivent se positionner en interagissant avec les contraintes que leur impose le champ littéraire à leur époque. Pour qu’il y ait énonciation littéraire il ne suffit pas de mettre en relation l’âme d’un auteur avec celle d’un lecteur ou d’un spectateur: la nature même de ces «âmes» varie avec les institutions de parole historiquement définies qui les rendent possibles. Le discours littéraire, ce n’est pas un Thésaurus de quelques chefs d’œuvre émergeant d’un obscur «contexte de création», mais un réseau serré de pratiques qui s’exercent des lieux très divers. La littérature du XVII^e siècle impliquait à la fois

l'enseignement des langues anciennes dans les collèges, les activités des salons et celles des académies ; la littérature du XIX^e siècle est indissociable de l'existence de journaux à grands tirages, de revues littéraires, de manuels de littérature nationale...

Un analyste du discours va donc au-delà de la dimension institutionnelle de la littérature : il raisonne en termes d'*institution discursive*, en s'efforçant d'articuler les institutions au sens traditionnel et la scène d'énonciation, en liant les *institutions* de divers types qui donnent sens aux énonciations littéraires (la structure du champ littéraire, le statut de l'écrivain, les genres de texte...) et le mouvement par lequel *s'institue* le discours, à la fois en instaurant progressivement dans son énoncé un certain monde et en légitimant le dispositif d'énonciation et le positionnement dans le champ littéraire qui rend cet énoncé possible.

Pour ce que j'en connais, les approches qui se veulent sociocritiques, en dépit de leurs efforts, retombent la plupart du temps dans une opposition entre « texte » et « contexte », sauf évidemment si elles adoptent une perspective discursive ; mais dans ce cas elles deviennent indiscernables de l'analyse du discours, qui se caractérise précisément par l'effort de subvertir cette opposition entre texte et contexte. C'est le terme même de "sociocritique" qui pose problème car il donne l'impression qu'il faut ajouter une dimension "sociale" à l'étude de la littérature pour rétablir un équilibre avec les approches qui sont focalisées sur la personne du créateur. En réalité, il faut contester la conception même du "social" qui est sous-jacente. C'est un débat qu'on retrouve en histoire des sciences, où certains prétendent ajouter des "facteurs sociaux" à l'activité scientifique, comme si on pouvait distinguer d'une part un noyau dur de vérités scientifiques et d'autre part les facteurs sociaux qui les rendent possibles.

4. GLÁUKS – Em termos metodológicos, quais *categorias* ou *procedimentos de interpretação* considera que a Análise do Discurso oferece para uma abordagem própria do texto literário?

D. MAINGUENEAU – Eu não vejo como eu poderia responder a tal questão em poucas frases. Além disso, eu não sou o único a abordar a literatura em uma perspectiva da análise do discurso. Só posso referir-me ao meu livro *O discurso literário* e aos diversos artigos que eu dediquei a essa questão. Neles estabeleço uma série de categorias: cena de enunciação, paratopia, intelíngua, ethos, discursos constituintes, campo... Parece-me, no entanto, que se pode reformular a questão da seguinte maneira: sob quais condições pode-se dizer que um

método revela uma perspectiva da análise do discurso? Penso que, idealmente, pode-se falar em uma abordagem discursiva:

- a) quando não se trata apenas de analisar separadamente textos e situações de comunicação, mas quando busca-se pensá-los em conjunto. Esse é o projeto propriamente da análise do discurso – independentemente do estudo da literatura;
- b) quando se considera as obras não como agenciamentos de “conteúdos” que permitiriam “expressar” de maneira mais ou menos afetadas as ideologias coletivas ou os problemas pessoais dos criadores. As obras não são um “reflexo” mais ou menos turvo de uma realidade independente: elas participam desse mundo que elas supostamente “refletem”; o “conteúdo” de uma obra está na realidade atravessado pelo retorno às suas condições de enunciação;
- c) quando se recusa a considerar as obras independentemente dos diversos tipos e dos múltiplos gêneros de discurso que a tomam por objeto. O “discurso literário” não se reduz, com efeito, às obras propriamente ditas, ou seja, ao que se entende comumente por “literatura”. Certamente, o leitor que abre um livro possui o sentimento de que a literatura está encerrada nesse volume e que a biografia do autor, as condições de criação, de impressão, de colocar em circulação, os manuais escolares, os cursos universitários, os artigos de críticas nos jornais, as emissões televisivas, os blogs, as visitas às casas dos escritores, as entrevistas midiáticas com os escritores, as biografias dos grandes romancistas ou dos grandes poetas... não tocam no essencial. Mas em uma perspectiva da análise do discurso literário não basta se contentar em justapor esses gêneros do discurso: as obras se sustentam em redes de práticas discursivas, e estas mesmas se sustentam em obras. A obra como tal não precede seu comentário, ela surge apenas quando considerada por dispositivos que a tratam como objeto destes ou daqueles tipos de comentários, que, por sua vez, estão implicados em determinadas comunidades. Um escritor produz sabendo que seus textos serão comentados de uma certa maneira e por certas categorias de atores sociais;
- d) quando se considera as condições “midiológicas” (“*médiologiques*”) da produção; o termo mesmo de “literatura” deriva de “*littéra*”, de escrito. Para nós, atualmente, as epopeias antigas de Homero são grandes obras literárias; mas antes que a *Ilíada* e a

Odisseia tivessem sido escritas não existiam “obras” intituladas a *Iliada* e a *Odisseia*. Em uma sociedade sem escrita, a noção de obra, no sentido que entendemos hoje em dia, não podia existir. Contrariamente ao gesto hermenêutico tradicional, no lugar de pressupor a existência de um texto como tal, *a priori* coerente e homogêneo, nós o consideramos mais como uma configuração na qual a unidade está em constante negociação, que se constrói através de práticas que prevalecem em um lugar e em um momento dados.

Mas eu estou bem consciente de que isso é um ideal. Existe, na verdade, versões mais ou menos fortes da análise do discurso literário. Parece-me que se podem distinguir três níveis de exigência:

- 1) O nível menos exigente é aquele no qual o analista se esforça somente para caracterizar por diversas propriedades linguísticas um corpus: um conjunto de textos pertencentes a um autor, um gênero, um posicionamento;
- 2) Em um nível intermediário, o analista articula os textos a partir de categorias (cena de enunciação, ethos, campo literário, paratopia etc.) que permitem inscrevê-lo na sociedade;
- 3) Em um terceiro nível, entra-se plenamente em uma perspectiva da análise do discurso literário. Neste caso, não são apenas as obras que são o único objeto, mas o discurso literário, apreendido como uma rede de gêneros muito diversos, como zona do interdiscurso (por exemplo, como discurso constituinte) e como instituição.

D. MAINGUENEAU (En français) – Je ne vois pas comment je pourrais répondre à une telle question en quelques phrases... En outre, je ne suis pas le seul à aborder la littérature dans une perspective d’analyse du discours. Je peux seulement renvoyer à mon livre *Le discours littéraire* et aux divers articles que j’ai consacrés à cette question. J’y expose un certain nombre de catégories : scène d’énonciation, paratopie, interlangue, ethos, discours constituants, champ... Il me semble néanmoins qu’on peut reformuler votre question de la manière suivante :

à quelles conditions peut-on dire qu'une méthode relève d'une perspective d'analyse du discours ? Ma pensée est que, dans l'idéal, on peut parler d'approche discursive:

- a) quand il ne s'agit pas seulement d'analyser séparément des textes et des situations de communication mais qu'on cherche à les penser ensemble. C'est le projet même de l'analyse du discours – indépendamment de l'étude de la littérature.
- b) quand on considère les œuvres non pas comme des agencements de « contenus » qui permettraient d'« exprimer » de manière plus ou moins détournée des idéologies collectives ou les problèmes personnels des créateurs. Les œuvres ne sont pas un « reflet » plus ou moins brouillé d'une réalité indépendante : elles participent de ce monde qu'elles sont censées « refléter », le « contenu » d'une œuvre est en réalité traversé par le renvoi à ses conditions d'énonciation.
- c) quand on se refuse à considérer les œuvres indépendamment des divers types et des multiples genres de discours qui la prennent pour objet. Le « discours littéraire » ne se réduit pas, en effet, aux œuvres proprement dites, autre ment dit à ce que l'on entend communément par « littérature ». Certes, le lecteur qui ouvre un livre a le sentiment que la littérature est enfermée dans ce volume et que la biographie de l'auteur, les conditions de la création, de l'impression, de la mise en circulation, les manuels scolaires, les cursus universitaires, les articles de critique dans les journaux, les émissions télévisées, les blogs, les visites de maisons d'écrivains, les entretiens médiatiques avec les écrivains, les biographies des grands romanciers ou des grands poètes,... ne touchent pas à l'essentiel. Mais dans une perspective d'analyse du discours littéraire on ne peut pas se contenter de juxtaposer ces genres de discours : les œuvres se soutiennent du réseau de pratiques discursives, qui elles mêmes se soutiennent des œuvres. L'œuvre comme telle ne précède pas son commentaire, elle ne surgit que prise dans les dispositifs qui en font l'objet de tels ou tels types de commentaire, qui impliquent eux-mêmes certaines communautés. Un écrivain produit en sachant que ses textes seront commentés d'une certaine façon et par certaines catégories d'acteurs sociaux.
- d) quand on prend en compte les conditions « médiologiques » de la production ; le terme même « littérature » dérive de « littéra », de l'écrit. Pour nous aujourd'hui les épopées

antiques d’Homère sont de grandes oeuvres littéraires ; mais avant que *l’Iliade* et *l’Odyssée* soient écrites il n’existait pas des “oeuvres” intitulées *l’Iliade* et *l’Odyssée*. Dans une société sans écriture la notion d’oeuvre, au sens où on l’entend aujourd’hui, ne pouvait pas exister. Contrairement au geste herméneutique traditionnel, au lieu de présupposer l’existence d’un texte comme tel *a priori* cohérent et homogène on le considère plutôt comme une configuration dont l’unité est en constante négociation, qui se construit à travers les pratiques qui prévalent en un lieu et à un moment donnés.

Mais je suis bien conscient que c’est là un idéal. Il existe en effet des versions plus ou moins fortes de l’analyse du discours littéraire. Il me semble qu’on peut distinguer trois niveaux d’exigence:

- 1) Le niveau le moins exigeant est celui où l’analyste s’efforce seulement de caractériser par diverses propriétés linguistiques un corpus : un ensemble de textes relevant d’un auteur, d’un genre, d’un positionnement...
- 2) A un niveau intermédiaire, l’analyste articule les textes sur des catégories (scène d’énonciation, ethos, champ littéraire, paratopie etc.) qui permettent de l’inscrire dans la société.
- 3) Au troisième niveau, on entre pleinement dans une perspective d’analyse du discours littéraire. Cette fois, ce ne sont plus les œuvres qui sont l’unique objet, mais le discours littéraire, appréhendé comme réseau de genres très divers, comme zone de l’interdiscours (par exemple comme discours constituant) et comme institution.

5. GLÁUKS – Como o senhor vê o futuro das pesquisas que articulam os pressupostos da Análise do Discurso à interpretação do fato literário na França e no Brasil?

D. MAINGUENEAU – Eu não posso responder pelo Brasil porque eu não conheço suficientemente a situação do país como um todo, nem a história das suas instituições universitárias. No que diz respeito à França, eu não estou muito otimista, pois o desenvolvimento de uma análise do discurso literário está dificultado pela configuração das instituições universitárias. Frequentemente tenho notado que o interesse por esse tipo de

abordagem é maior entre professores do ensino secundário, que buscam tornar a literatura acessível a seus alunos, do que entre os acadêmicos, que estão vinculados à separação entre os departamentos de “letras” e aqueles de “ciências humanas e sociais”. É verdade que, de um ponto de vista institucional, o desenvolvimento de problemáticas centradas sobre o discurso coloca em xeque uma certa concepção das fronteiras entre linguística, estudos literários e ciências humanas e sociais. Ora, essas fronteiras separam as disciplinas, – isto é, os territórios institucionais associados a comunidades de pesquisadores – e não apenas as teorias. A maior parte dos especialistas em literatura busca preservar uma fronteira que para eles é essencial: aquela que separa os conhecimentos que, para eles, são periféricos (sobre a carreira dos escritores, as instituições, o mercado, a imprensa etc.) e os estudos das “obras”, acessíveis apenas por uma “estética” ou uma “poética”.

Aqueles que se ocupam da estilística literária não estão sujeitos a esta desconfiança. Eu entendo aqui por “estudiosos da estilística”² (*stylisticiens*) aqueles cuja especialidade é mobilizar a linguística para estudar textos literários. Eles se apresentam, na prática, como auxiliares dos pesquisadores que atuam nos estudos literários (*auxiliaires des littéraires*) e focam somente nas obras, não possuindo, portanto, motivo para contestar as divisões institucionais estabelecidas. A situação da análise do discurso literário é muito mais delicada, especialmente porque ela não se beneficia nem mesmo do apoio dos analistas do discurso, que na sua imensa maioria, por razões a um só tempo históricas e epistemológicas, ignoram os corpora literários.

Certamente, haverá mais espaço para a análise do discurso literário quando os analistas do discurso aceitarem a ideia de que eles podem estudar algo diferente das conversações e de certos discursos institucionais (político, escolar e midiático, em particular); e quando os especialistas em literatura compreenderem que eles não são proprietários da literatura, que pode ser abordada por diversos pontos de vista, como, aliás, todas as práticas de uma sociedade. O que está em jogo aqui, infelizmente, é a autoridade de uma comunidade. Antes do desenvolvimento das abordagens discursivas, a situação dos especialistas em literatura era muito mais confortável, porque a diversidade dos “pontos de vista” sobre a literatura não era

² *Nota dos tradutores:* em estilística, é comum se utilizar do termo “estilólogo”, mas o termo parece não circular com muita frequência fora desse campo de pesquisas. Seria possível também a tradução por “estilistas”, mas poderia gerar uma ambiguidade com o profissional da moda. Em vista disso, preferimos traduzir como “estudiosos da estilística”.

ameaçadora: ou atuavam as diversas correntes críticas que compõem os estudos literários, ou as disciplinas que não pretendiam tocar nos textos, permanecendo assim fora do território tradicional dos estudos literários. Com a análise do discurso, essa configuração torna-se problemática. O que desencadeia inevitavelmente uma crise de identidade.

Felizmente, a situação não é a mesma em todos os países. Eu penso que o Brasil constitui um lugar muito mais propício ao desenvolvimento da análise do discurso literário do que a França, mesmo a Europa em geral. Na verdade, muitas das suas universidades são recentes e a história lhes pesa menos. Eu acrescentaria que o caráter federal do país é uma vantagem para o desenvolvimento de pesquisas inovadoras. Em um país muito centralizado, a inovação é mais difícil.

D. MAINGUENEAU (En français) – Je ne peux pas répondre pour le Brésil car je ne connais pas suffisamment la situation dans l'ensemble du pays, ni l'histoire de ses institutions universitaires. En ce qui concerne la France, je ne suis pas très optimiste car le développement d'une analyse du discours littéraire est entravé par la configuration des institutions universitaires. J'ai souvent remarqué que l'intérêt pour ce type d'approche est souvent plus grand chez les professeurs de l'enseignement secondaire, qui cherchent à rendre la littérature accessible à leurs élèves, que chez les universitaires, qui sont attachés à la séparation entre les départements de "lettres" et ceux de "sciences humaines et sociales". Il est vrai que, d'un point de vue institutionnel, le développement de problématiques centrées sur le discours met en cause une certaine conception des frontières entre linguistique, études littéraires et sciences humaines et sociales. Or ces frontières séparent des disciplines, – c'est-à-dire des territoires institutionnels associés à des communautés de chercheurs – et pas seulement des théories. La plupart des spécialistes de littérature cherchent à préserver une frontière qui pour eux est essentielle : celle qui sépare des connaissances qui, pour eux, sont périphériques (sur la carrière des écrivains, les institutions, l'argent, la presse, etc.) et l'étude des « œuvres, qui ne seraient accessibles que par une « esthétique » ou une « poétique ».

Ceux qui s'occupent de stylistique littéraire ne font pas l'objet de cette défiance. J'entends ici par « stylisticiens » ceux dont la spécialité est de mobiliser la linguistique pour étudier des textes littéraires. Ils se présentent en effet comme des auxiliaires des littéraires et se focalisent seulement sur les œuvres et n'ont pas de raisons de contester les partages

institucionnels établis. La situation de l'analyse du discours littéraire est beaucoup plus délicate, d'autant plus qu'elle ne bénéficie même pas du soutien des analystes du discours, qui dans leur immense majorité, pour des raisons à la fois historiques et épistémologiques, ignorent les corpus littéraires.

Il y aura certainement davantage d'espace pour l'analyse du discours littéraire quand les analystes du discours accepteront l'idée qu'ils peuvent étudier autre chose que les conversations et certains discours institutionnels (politique, scolaire, médiatique, en particulier), et que de leur côté les spécialistes de littérature comprendront qu'ils ne sont pas propriétaires de la littérature, que comme toutes les pratiques d'une société elles peuvent être abordées de divers points de vue. Ce qui est en jeu ici, malheureusement, c'est l'autorité d'une communauté. Avant que ne se développent les approches discursives la situation des spécialistes de littérature était beaucoup plus confortable parce que la diversité des "points de vue" sur la littérature n'avait rien de menaçant.. En effet, soit il s'agissait de divers courants critiques à l'intérieur des spécialistes de littérature, soit il s'agissait de disciplines qui ne prétendaient pas toucher aux textes, qui restaient donc à l'extérieur du territoire traditionnel des études littéraires. Avec l'analyse du discours, c'est cette configuration qui devient problématique. Ce qui entraîne inévitablement une crise d'identité.

Heureusement, la situation n'est pas la même dans tous les pays. Je pense que le Brésil constitue un terrain beaucoup plus propice au développement de l'analyse du discours littéraire que la France, voire l'Europe en général. En effet, beaucoup d'universités sont récentes et le poids de l'histoire y est moins lourd. J'ajouterai que le caractère fédéral du pays est un atout important pour développer des recherches innovantes. Dans un pays très centralisé l'innovation est moins facile.

6. GLÁUKS – Dada a sua larga experiência na área, quais outros teóricos e quais matrizes epistemológicas o senhor poderia citar como essenciais para uma aproximação balizada do texto literário por parte dos analistas do discurso?

D. MAINGUENEAU – Dificilmente posso responder a essa questão, pois, como eu disse anteriormente, a análise do discurso, portanto também a análise do discurso literária, é alimentada por correntes muito diversas das ciências humanas e sociais. Ela se situa, na realidade, no cruzamento de múltiplas disciplinas. A análise do discurso literária não pode,

portanto, se limitar à abordagem que eu mesmo desenvolvo. O que eu posso fazer é indicar algumas direções que me parecem promissoras.

– A análise do discurso literário não pode se desenvolver isoladamente, opondo a literatura ao conjunto das produções discursivas de uma sociedade. É por isso que desenvolvi uma reflexão sobre o que chamo de “discursos constituintes”. A literatura possui uma dupla fronteira: com os outros discursos constituintes e com os discursos não constituintes. Não se pode compreender o que é a literatura em uma dada época se não se levar em consideração a sua relação com a ciência, a religião, a filosofia.

– Deve-se igualmente desenvolver mais os vínculos entre a literatura e outras práticas estéticas: as artes tradicionais, mas também as novas práticas. A literatura é solidária às tecnologias da comunicação, e é preciso considerar todas as consequências. Na atualidade, por exemplo, os jogos de vídeo game constituem um novo tipo de produção estética, na qual as categorias ligadas tradicionalmente à ficção romanesca, à pintura ou ao cinema se desdobram em um espaço totalmente novo. Muitos, todavia, continuam a pensar que essas transformações não diriam respeito à essência da literatura, que pertenceriam a uma outra ordem. Mas, por natureza, a literatura está estreitamente vinculada à evolução dos modos de produção, de circulação e de estocagem de enunciados. Com o advento da imprensa, os livros, os jornais e os folhetos carregavam os enunciados que transformavam o mundo, e parecia que não havia nada mais urgente que multiplicar as bibliotecas e escolas, nas quais se aprendia a ler os livros. A literatura utilizava o meio que passara a ser dominante: o impresso. Eu ignoro o que se passa no Brasil, mas na França a produção literária e o tempo dedicado à leitura diminuem; no que diz respeito às emissões de rádio ou de televisão dedicadas à literatura, elas são cada vez mais raras e deslocadas para tarde da noite. Uma proporção crescente de enunciados importantes é agora produzida e colocada em circulação segundo modos bem diferentes do que aquele do livro. A digitalização da voz, das imagens e dos textos desorganiza (*bouleverse*) o que entendemos por “escrita”. Não apenas os temas correm o risco de mudar profundamente, mas também categorias como as de “autor”, de “texto”, de “criação”, de “leitura”, etc. Certas características que se poderia considerar indissociáveis da textualidade, como a linearidade e a compactação, são minadas pelos hipertextos, diante dos quais cada “leitor” torna-se uma espécie de autor do seu próprio percurso de leitura. Essa possibilidade modifica práticas profundamente enraizadas. Os escritores de hoje são tomados, quer eles queiram ou não, pela necessidade de gerir suas

relações com esse novo universo: eles podem decidir produzir obras adaptadas a esse meio, ter somente um blog, ou ignorar completamente o universo digital.

Vocês poderiam argumentar que isso concerne somente ao objeto de estudo, e não aos métodos de investigação. O que é parcialmente verdadeiro. Com efeito, as novas tecnologias modificam profundamente as condições materiais da pesquisa. Além disso, elas nos obrigam a olhar de forma diferente para o período anterior da literatura, ou mais precisamente a considerá-la como um período anterior, ao qual nós pertencemos cada vez menos. Pode-se lamentar, mas não vejo como poderíamos retroceder.

Mais do que dizer quais matrizes epistemológicas me parecem úteis para as pesquisas vindouras, parece-me importante lembrar que a análise do discurso literário – e a análise do discurso em geral – não são empreendimentos intelectuais isolados. Existem, na verdade, múltiplas correntes de pesquisa nas ciências humanas e sociais que também se esforçam por construir articulações entre as “ideias” e a “sociedade”, ou melhor, que colocam em xeque essa distinção. No contexto francês, pode-se evocar, por exemplo, a “midiologia” fundada por Régis Debray, cujo projeto consiste precisamente em analisar a maneira pela qual as técnicas de comunicação restringem os conteúdos; esse tipo de abordagem prolonga e expande os trabalhos realizados sobre as transformações na cultura que produziu a escrita. Pode-se evocar também as pesquisas de Bruno Latour sobre a pesquisa científica, que, através de uma teoria do ator-rede, se esforçam para reconciliar epistemologia e sociologia das ciências. Eu penso também nos trabalhos de Roger Chartier sobre as práticas de leitura, que dependem das competências de leitura de uma comunidade de leitores, das estratégias do autor e da forma do texto. Eu evocarei igualmente, sem citar nomes em específico, as correntes mais recentes das ciências cognitivas que enfatizam, a um só tempo, a “ação situada” e a “cognição distribuída”, isto é, a relação entre os agentes com o seu ambiente e as relações entre os agentes.

D. MAINGUENEAU (En français) – Je peux difficilement répondre à votre question car, comme je l’ai déjà dit, l’analyse du discours, et donc l’analyse du discours littéraire aussi, est nourrie par des courants très divers des sciences humaines et sociales. Elle se situe en effet au croisement de multiples disciplines. L’analyse du discours littéraire ne peut donc pas se limiter à l’approche que je développe moi-même. Tout ce que je peux faire, c’est indiquer quelques directions qui me semblent prometteuses.

– L’analyse du discours littéraire ne peut pas se développer isolément, en opposant la littérature à l’ensemble des productions discursives d’une société. C’est d’ailleurs pourquoi j’ai développé une réflexion sur ce que j’appelle “les discours constitutants”. La littérature a une double frontière : avec les autres discours constitutants, et avec les discours non-constitutants. On ne peut pas comprendre ce qu’est la littérature à une époque donnée si on ne prend pas en compte sa relation avec la science, la religion, la philosophie...

– On doit également développer davantage les liens entre littérature et d’autres pratiques esthétiques : les arts traditionnels, mais aussi des pratiques nouvelles. La littérature est solidaire des technologies de la communication, et il faut en tirer toutes les conséquences. Aujourd’hui par exemple les jeux vidéos constituent un nouveau type de production esthétique, où les catégories liées traditionnellement à la fiction romanesque, à la peinture ou au cinéma se déploient dans un espace totalement nouveau. Beaucoup néanmoins continuent à penser que ces transformations ne sauraient concerner l’essence de la littérature, qui relèverait d’un autre ordre. Mais, par nature, la littérature est étroitement liée à l’évolution des modes de production, de circulation et de stockage des énoncés. Avec l’avènement de l’imprimerie, les livres, les journaux, les brochures... portaient les énoncés qui transformaient le monde, et il semblait qu’il n’y ait rien de plus urgent que de multiplier les bibliothèques et les écoles où l’on apprend à lire des livres. La littérature utilisait le médium qui était alors dominant : l’imprimé. J’ignore ce qu’il en est au Brésil, mais en France la production littéraire et le temps consacré à la lecture diminuent ; quant aux émissions de radio ou de télévision consacrées à la littérature, elles sont de plus en plus rares et placées à des heures tardives. Une proportion grandissante des énoncés importants est désormais produite et circule selon des modes bien différents de celui du livre. La numérisation de la voix, des images, des textes, bouleverse ce que l’on peut entendre par « écriture ». Ce ne sont pas seulement les thèmes qui risquent ainsi de changer en profondeur, mais des catégories comme celles d’« auteur », de « texte », de « création », de « lecture »... Certains traits que l’on pouvait penser indissociables de la textualité, comme la linéarité et la compacité, sont mis à mal par les hypertextes, où chaque « lecteur » devient en quelque sorte auteur de son propre cheminement. Cette possibilité modifie des pratiques profondément enracinées. Aujourd’hui les écrivains sont pris, qu’ils le veuillent ou non, dans la nécessité de gérer leur relation avec ce nouvel univers : ils peuvent décider de produire des oeuvres adaptées à ce médium, tenir seulement un blog, ou ignorer totalement l’univers digital.

Vous pourriez m’objecter que cela concerne seulement l’objet à étudier, et non les méthodes d’investigation. Ce n’est que partiellement vrai. En effet, les nouvelles technologies modifient profondément les conditions matérielles de la recherche. En outre, elles nous obligent à regarder différemment la période antérieure de la littérature, ou plus exactement à la considérer comme une période antérieure, à laquelle nous appartenons de moins en moins. On peut le regretter, mais je vois mal comment on pourrait revenir en arrière.

Plutôt que de dire quelles matrices épistémologiques me paraissent utiles pour les recherches à venir, il me paraît utile de rappeler que l’analyse du discours littéraire – et l’analyse du discours en général – ne sont pas des entreprises intellectuelles isolées. Il existe en effet de multiples courants de recherche dans les sciences humaines et sociales qui eux aussi s’efforcent de construire des articulations entre les “idées” et “la société”, ou plutôt qui mettent en cause cette distinction même. Dans le seul cadre de la France on peut évoquer par exemple la “médiologie” fondée par Régis Debray, dont le projet consiste précisément à analyser la façon dont les techniques de communication contraignent les contenus ; ce type de démarche prolonge et amplifie les travaux menés sur les transformations dans la culture qu’a produites l’écriture. On peut évoquer aussi les recherches de Bruno Latour sur la recherche scientifique, qui à travers une théorie de l’acteur-réseau, s’efforcent de réconcilier épistémologie et sociologie des sciences. Je pense aussi aux travaux de Roger Chartier sur les pratiques de lecture, qui dépendent des compétences de lecture d’une communauté de lecteurs, des stratégies de l’auteur, de la forme du texte. J’évoquerai également, sans citer de noms en particulier, les courants plus récents des sciences cognitives qui mettent l’accent à la fois sur “l’action située” et la “cognition distribuée”, c’est-à-dire sur le rapport des agents à leur environnement et sur les relations entre les agents.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do Discurso e Literatura.